

ROSA SELVAGEM

Patricia Cabot

Romance

Tradução de
Patricia Oliveira

**LIVROS
D'HOJE**

CAPÍTULO 1

Inglaterra, 1860

Lorde Edward Rawlings, segundo e único filho vivo do falecido duque de Rawlings, sentia-se infeliz.

Isto não se prendia apenas com o facto de Yorkshire não ser o local mais interessante para estar no inverno, apesar de passarem semanas inteiras em que parecia que o sol nunca brilhava. Não se prendia apenas com o facto de Lady Arabella Ashbury, cujo marido era proprietário da propriedade vizinha de Rawlings Manor, estar de momento demasiado absorvida consigo mesma para voltar as suas atenções prodigiosas para ele.

Não, Edward sentia-se infeliz por motivos que não conseguia colocar em palavras mesmo que quisesse, e ele não queria, porque a única pessoa que ali estava era a viscondessa de Ashbury. Apesar de a viscondessa ser bem conhecida em Inglaterra pelos seus excelentes atributos, incluindo a sua tez clara e tornozelos esguios e elegantes, ter um ouvido compreensivo não era um deles.

– Vou pedir a Mrs. Praehurst que encomende *foie gras* suficiente para cinquenta pessoas – disse Lady Ashbury, rabiscando a lista de diversos artigos de última hora que queria que Edward transmitisse à sua governanta, antes que os seus amigos de Londres chegassem a Yorkshire para um fim de semana de caça. – Tanto quanto sei, no campo nem toda a gente gosta de *foie gras*. As

jovens Herbert não saberiam distinguir *foie gras* de um buraco no chão.

Edward, esticado numa *chaise longue* em frente à lareira da Sala Dourada, bocejou. Tentou não fazê-lo mas, mesmo assim, escapou-se-lhe. Felizmente Lady Ashbury, que não estava acostumada a que homens bocejassem na sua presença, não estava a prestar atenção.

– Nem sequer compreendo por que motivo tem de convidar as jovens Herbert – prosseguiu Lady Ashbury. O seu tom não era petulante, mas também não era de satisfação. – O pai delas pode ser o administrador da sua propriedade, mas não acredito que ele lhe tenha feito algum bem, Edward.

Edward chegou-se à frente na *chaise longue* para se servir de mais um cheirinho de brande do decanter que tinha mesmo ali ao seu alcance, na mesa de apoio. Já estava bastante embriagado e tencionava ficar ainda mais, antes da tarde dar lugar à noite. Um dos melhores atributos da viscondessa de Ashbury era o facto de não se incomodar com aquele tipo de comportamento. Ou, pelo menos, se se incomodava, não o demonstrava.

– Afinal de contas, Edward – prosseguiu Lady Ashbury –, se não fosse pelos chamados esforços incansáveis de Sir Arthur Herbert, em nome da propriedade Rawlings, você agora seria duque e não aquele pirralho do seu irmão.

Edward recostou-se, beberricou o seu brande e ficou a olhar fixamente para o céu. O teto da Sala Dourada estava pintado de um amarelo-pálido, para combinar com os pesados drapeados de veludo, por cima das janelas. Aclarou a garganta ruidosamente e disse com a sua voz mais profunda, aquela que assustava os moços de estrebaria de Rawlings Manor.

– Parecem todos esquecer que o filho de John é o herdeiro legal do título e da propriedade.

Lady Ashbury fingiu não reparar no seu tom de advertência.

– Mas ninguém sequer sabia do paradeiro do rapaz até que Sir Arthur começou a imiscuir-se vilmente...

– A meu pedido, recorda-se, Arabella?

– Oh, Edward, não seja condescendente comigo. – Lady Ashbury atirou a caneta e levantou-se da secretária com tampo de marfim, com a saia do seu vestido azul-pálido a fazer frufu. Caminhou a passos largos até à *chaise longue*, a sua pele pálida e canudos de cabelo loiro muito claro apresentando um bonito quadro contra os tecidos de tons tostados ao fundo. Esse, como é evidente, era o motivo pelo qual a viscondessa exigia que se sentassem sempre ali, em vez de na Sala Azul, mais confortável, mas menos favorecedora da tez.

– Teria sido a coisa mais fácil do mundo se você tivesse simplesmente dito ao duque que o filho de John também tinha morrido, como a mãe e o pai, e assumido você mesmo o título – declarou Arabella.

Edward ergueu um sobrolho trocista na direção dela.

– A coisa mais fácil do mundo, Arabella? Mentir ao meu pai no seu leito de morte? Ele passou os últimos dez anos a amaldiçoar John por ter casado com a filha de um vigário escocês e não permitiu que o fedelho órfão deles fosse trazido para Rawlings apesar de ser ele, na verdade, o herdeiro do título. E depois, quando o duque chegou aos seus últimos momentos... Por favor, Arabella! Teria sido terrivelmente desonesto não *tentar*, pelo menos, conceder o último desejo do velhote.

– Oh, que se dane a honestidade – exclamou Lady Ashbury. – Você nem sequer conheceu o rapaz!

– Pois não – concordou Edward. Tinha terminado o seu quarto brande e serviu um quinto. – Mas irei conhecer quando o Herbert regressar com ele amanhã. – Sorrindo consigo mesmo, Edward observou: – Aquilo que você não consegue meter nessa sua cabecinha encantadora, Arabella, é que eu *não quero* ser duque. Ao contrário de si e, tenho a certeza, da sua mãezinha, que teve como única ambição na vida arranjar-lhe um marido com um título, eu ficaria perfeitamente satisfeito por ser simplesmente um senhor.

Lady Ashbury soltou um riso desdenhoso, exasperado.

– E como, diga-me, poderia pagar o tipo de cavalos que tem nos seus estábulos, com o salário de um simples senhor, Lorde Edward?

Ou a casa em Park Lane, em Londres? Já para não falar nesta monstruosidade cheia de correntes de ar a que chama casa senhorial. O único senhor que conheço que tem dinheiro para pagar tudo o que você tem é Mr. Alistair Cartwright e, como bem sabe, a fortuna dele foi tão herdada quanto a sua. Não, Edward, você é filho de um duque e, como tal, tem os gostos do filho de um duque. O seu único infortúnio foi não ter nascido antes do miserável do seu irmão John.

Edward olhou para ela de relance, com um sobrolho erguido em tom cínico.

– Raios, Arabella. Acredita sinceramente que eu seria feliz enquanto duque? Tratando de negócios da propriedade o dia todo? Sendo perseguido por homens como Herbert, que ia querer ocupar todo o meu tempo com questões de contabilidade? Andando a vaguear com os agricultores que alugam as terras, a certificar-me de que têm os telhados cobertos de colmo novo todos os anos, que os filhos recebem educação, que as esposas estão felizes? – Sacudiu os ombros largos numa expressão de desagrado. – Esse tipo de vida tornou o meu pai num homem velho, matou-o antes de o seu tempo chegar. Não vou permitir que me aconteça o mesmo. Que o fedelho do meu querido irmão que já partiu fique com o raio do título. Herbert irá certificar-se de que Rawlings não desaparece em chamas entretanto e, daqui a dez anos, quando o rapaz tiver deixado Oxford, pode regressar e assumir o seu lugar de direito nos santos corredores.

– E o que pretende fazer, Edward? – perguntou Arabella, com a sua aspereza mal disfarçada. – Apenas pode caçar de novembro até março e Londres é insuportável no verão. Aquilo de que precisa, meu querido, é de uma ocupação.

– O que é que pensa que sou, um americano? – riu-se Edward, não muito simpático, esvaziando o copo. – Adoro quando é condescendente e me dá conselhos, Arabella. Apercebo-me sempre da nossa diferença de idades. Diga-me, o seu marido fica chateado por você estar sempre a atravessar as charnecas para visitar um homem com metade da idade dele e dez anos mais novo do que você?

– Precisa de beber tanto? – perguntou repentinamente a viscondessa de Ashbury. Edward suspirou, resignado. – É bastante irritante ver alguém tão novo ficar tão inchado e barrigudo.

Edward olhou para baixo do plastrão branco, apertado com habilidade, para o seu peito imponente e o torso magro, com um colete apertado.

– Barrigudo? – repetiu, incrédulo. – Onde?

– Tem papos debaixo dos olhos. – Arabella aproximou-se e tirou-lhe o balão de brande da mão. – E é fácil de ver que está a começar a ficar com duplo queixo, tal como o seu pai.

Edward praguejou e saltou do sofá, ficando um pouco instável de pé, devido ao brande. Com mais de um metro e oitenta de altura, Edward era sempre uma figura imponente, porém, na Sala Dourada, ainda o parecia mais. A sua estrutura grande tornava mais pequena a delicada mobília dourada de veludo verde, e os seus pés, com botas de montar pretas bem polidas, caminhavam pesadamente sobre os tapetes persas bem escovados.

Caminhando a passos largos até junto de um espelho biselado, pendurado numa parede, Edward examinou o seu reflexo à procura da barriga.

– Ora, Arabella – disse, olhando do seu reflexo para o da viscondessa. – Não sei de que está a falar. Qual duplo queixo?

Tinha a certeza de que não era a vaidade que o impedia de ver quaisquer sinais de alteração. Seguramente que se existissem iria reparar neles. Edward não estava assim tão interessado no seu aspeto, apesar de saber que tinha um ar agradável, porque muitas mulheres lho tinham dito. Como é evidente, sabia bem que apesar do bom corte das suas roupas, parecia sempre deslocado em qualquer sala, dourada ou não. Tinha o tom de pele escuro de um pirata ou salteador, e cabelo bem preto, para o comprido, que tinha tendência para encaracolar com ar vulgar contra o colarinho do casaco. Contrastando profundamente com o tom de Lady Ashbury, que era claro como o de um cordeiro, apenas os olhos de Edward eram claros, de um cinzento que parecia reproduzir as névoas que vertiam constan-

temente da charneca, em cujo extremo se situava Rawlings Manor.

– Eu não queria dizer que já está com duplo queixo –, disse a viscondessa de Ashbury, subitamente muito ocupada com algo que estava na secretária de tampo de marfim. – O que eu queria dizer é que se não tiver cuidado...

– Não foi isso que disse.

Edward não sabia bem o que o deixava mais desanimado; se o facto de ela o ter sobressaltado ao ponto de se levantar do sofá, ou se o facto de que, uma vez que estava levantado, mais valia ir para o andar de cima. Mais facilmente podia ficar infeliz no conforto da biblioteca ou mesmo na sala de bilhar, onde podia beber e fumar segundo o seu desejo, sem mulheres tagarelas a avisá-lo da barriga.

Mas antes de ter tido hipótese de formular uma desculpa que amolecasse a suscetível viscondessa, com quem já tinha partilhado algumas horas agradáveis de titilação numa sala de visitas no terceiro andar, mais cedo nesse dia, Evers entrou na sala e aclarou a voz ruidosamente.

– Sir Arthur Herbert para vê-lo, milorde. – O mordomo, que tinha servido o pai de Edward durante cinquenta anos e que iria servir, sem dúvida, o novo duque de Rawlings durante outros vinte, não ergueu o sobrolho perante o óbvio estado embriagado do seu patrão, logo ao início da tarde.

– Herbert? – repetiu Edward, incrédulo. – O que é que ele faz de volta tão cedo? Não contava que regressasse antes de amanhã, na melhor das hipóteses. O fedelho... hum, Sua Graça, o duque, está com ele, Evers?

O olhar de Evers nunca deixou um ponto algures acima da cornija verde de mármore.

– Sir Arthur está sozinho, milorde e, se me permite acrescentar, num estado de considerável agitação.

– Raios! – Edward passou a mão pelo queixo que, apesar de passar pouco do meio-dia, já estava áspero da barba que voltava a crescer. Se Herbert estava sozinho, isso podia apenas significar que o relato que

tinham recebido de Aberdeen era falso, como todos os outros. E Herbert tinha jurado que a fonte era fidedigna! Agora, Edward ia ter de despendar mais esforço – e dinheiro – à procura do herdeiro do ducado de Rawlings. Como é que um rapaz de dez anos podia literalmente desaparecer da face da terra?

– Raios – repetiu Edward irritado. – Peça-lhe que entre, Evers. Peça-lhe que entre.

A viscondessa soltou um suspiro exagerado assim que o mordomo se afastou o suficiente para não os ouvir.

– Oh, Edward, francamente. Tem de receber esse homem detestável aqui? Não podia ter-lhe pedido que esperasse por si na biblioteca? Não gosto particularmente de ouvir-vos a falar baboseiras acerca da criança endiabrada...

– Sim, endiabrada! – Sir Arthur, corpulento e extrovertido como sempre, entrou apressado na sala, mal esperando que Evers abrisse por completo as portas, para entrar de rompante, passando pelo mordomo, com os sobrolhos firmemente erguidos. – Oh, uma criança muito endiabrada, sem dúvida, Lady Ashbury! Nunca foi dito nada tão verdadeiro!

Sir Arthur estava tão perturbado que nem sequer tinha permitido que o laçao lhe retirasse o casaco e o chapéu, e agora caía neve dos ombros curvados do homem de meia-idade. Evers andava por ali, com uma expressão dorida no rosto, à medida que cresciam no tapete marcas molhadas por baixo das galochas do solicitador.

– Santo Deus, homem –, disse de súbito Edward, impressionado com o ar mal cuidado do seu administrador. – Acaba de chegar da Escócia, senhor, ou do inferno?

– Do último, milorde, do último, asseguro-lhe.

Antes que Evers conseguisse impedi-lo, Sir Arthur sentou-se na *chaise longue* de veludo verde, da qual Edward tinha acabado de se levantar. Caiu neve nas almofadas, que começou a derreter de imediato graças ao calor que emanava do lume generoso.

– Nunca, em todos estes meses em que procurei o herdeiro do seu pai, encontrei algo tão desagradável, Lorde Edward.

A viscondessa, tendo observado a cena com um sorriso ligeiramente satisfeito e sobranceiras arqueadas de forma delicada, olhou de relance para o mordomo:

– Evers, creio que Sir Arthur precisa de um brande.

– Não, não – gritou Sir Arthur, erguendo uma mão gorda. – Não, obrigado, minha senhora. Nunca toco em bebidas alcoólicas antes do meio-dia. Lady Herbert não iria aprovar mesmo nada.

– Mas, Sir Arthur – o sorriso de Arabella era marcadamente trocista –, afinal de contas já passa da uma.

– Ah. Nesse caso... – Mas Evers já estava junto do solicitador com um balão cheio. – Oh, obrigado, Evers, meu bom homem. Ah, cai mesmo bem... E não há necessidade da Virginia vir a saber, pois não?

Edward, que tinha quase sempre vontade de partir qualquer coisa quando estava na presença do mais presado dos conselheiros do seu falecido pai, perguntou entre dentes:

– Devo depreender pela sua total ausência de compostura que fomos ludibriados mais uma vez?

Sir Arthur tirou os olhos do brande e o seu rosto redondo e afável tinha quase uma expressão de surpresa cómica.

– O quê? Ludibriados? Oh, não, milorde. De todo. Não, é este o rapaz. Oh, sim, finalmente acertámos no rapaz. – Soltou um suspiro convulsivo, que teve tanto de dramático como de ruidoso. – É bastante lamentável.

Quando Sir Arthur levantou uma mão trémula para se servir de outro brande do decanter que estava na mesa dourada lateral, Evers e Edward avançaram ambos para impedi-lo, o mordomo movido por um sentido de dever horrorizado e Edward por pura frustração. Edward não estava tão embriagado, ao ponto de não conseguir superar um pai de cinco filhas, com cinquenta anos, e um mordomo de setenta. Caindo em cima de um joelho junto ao sofá, os seus dedos fecharam-se à volta do gargalo do decanter de brande. Ele era tão alto que apenas ajoelhado conseguia olhar Sir Arthur nos olhos, estando ele sentado, e fê-lo agora, sem perceber que os seus próprios olhos brilhavam perigosamente com uma raiva contida.

– O que é que... – disse Edward, falando cuidadosamente, – aconteceu... na... Escócia?

Sir Arthur deixou de olhar com tristeza para o fundo do seu balão, tendo o seu olhar sido capturado pela expressão ameaçadora de Edward.

– Bem, eu, hum – gaguejou o solicitador. – Bem, está a ver, milorde, é ele. O duque, milorde. O jovem Jeremy de Rawlings...

– Encontrou-o? – O alívio de Edward era palpável. – Graças a Deus. – Contudo, o seu alívio em breve se transformou em impaciência. – Mas, se o encontrou, por que raio não o trouxe consigo para Rawlings?

– Não quis vir. – Sir Arthur limitou-se a encolher os ombros.

Edward não tinha a certeza de ter ouvido corretamente o solicitador.

– Peço desculpa, Sir Arthur. Importa-se de repetir?

– Ele não quis vir – disse Sir Arthur, uma vez mais. – E foi bastante determinado em relação a isso, milorde. Recusou-se a sair dali sem...

– Não quis vir? – vociferou Edward. Num salto colocou-se de pé, com os punhos cerrados a seu lado. Reparou que Arabella olhava fixamente para si com algum sobressalto, mas não conseguia controlar o seu súbito impulso de percorrer a sala como se fosse um animal enjaulado.

– Não quis vir? O rapaz fica a saber que é herdeiro de uma fortuna, dono de uma propriedade que é a joia de Yorkshire, que é, na verdade, um duque e *não quis vir*? A criança é *idiota*? – rugiu Edward, sobressaltando Evers, que tinha estado a tentar levar dali o decanter de brande, agora vazio. Era mesmo típico de John, fazer um herdeiro idiota, pensou Edward, furioso.

– Oh, não, milorde – recuou Sir Arthur. – Muito pelo contrário. Saudável como um pônei, dez anos, com o diabo no corpo. Atirou-me um ovo à nuca, assim que descí da carruagem.

Edward esforçou-se por ter paciência.

– Então, por que motivo é que ele não quis vir consigo?

– Bem, não foi tanto o rapaz, milorde, foi mais a tia dele.

– Tia? – Arabella levantou os olhos, depois de olhar atentamente para as suas cutículas. – O rapaz tem uma tia?

– Sim, minha senhora. Ele é órfão, sabe, Lorde John partiu antes da sua hora há dez anos. Penso que a mãe dele, a infeliz esposa de Lorde John, morreu pouco depois. O duque foi criado pela irmã da mãe e pelo avô materno, que também faleceu há cerca de um ano, penso eu. Foi terrível, tanto quanto sei. Caiu morto no púlpito. Era vigário, sabe.

Edward estava a começar a sentir-se como se fosse a única pessoa na sala, possivelmente à exceção de Evers, que ainda estava agarrado à realidade.

– Então e essa tia? – quis saber, tentando que a conversa regressasse ao que interessava. – A tia não deixa o rapaz vir?

– Não precisamente, milorde. O rapaz não vem sem a tia. Está muito preso a ela. Na verdade, é bastante comovente, nos dias de hoje, ver um rapaz tão próximo da sua...

– Raios partam, Herbert – explodiu Edward. – Porque é que não disse ao raio da tia que podia vir com o rapaz?

Sir Arthur parecia perplexo.

– Eu disse, milorde. Disse mesmo. Convidei-a também a vir viver para Rawlings Manor durante o tempo que quisesse. Para o resto da vida, se quisesse. – O administrador fez uma pausa e subitamente começou a despir o casaco.

– Está calor aqui, Mr. Evers? Acho que o lume está muito forte.

– Então? – Edward parara de andar e tinha agora um cotovelo recostado na cornija da lareira. Não achava que o lume estivesse demasiado quente. – Bem, o que é que o raio da mulher respondeu?

– Oh, ela recusou o meu convite com bastante determinação, milorde. Nem sequer quis ouvir falar nisso. E é claro, o rapaz não quis arredar um pé sem ela. – Herbert encolheu os ombros. – E por isso, aqui estou eu.

– Recusou o seu convite? – Edward tinha mesmo vontade de usar o punho para atravessar qualquer coisa. Evers tinha acabado de colocar uma proteção entre Herbert e a lareira, por isso, despejou a sua

raiva contra ela, deitando ao chão a delicada proteção pintada à mão, com um soco poderoso. Arabella soltou um pequeno grito de sobresalto e Herbert parecia perplexo. Apenas Evers, com calma, pegou na proteção, endireitou-a e olhou com reprovação para o seu patrão.

– A tia é idiota? – quis saber Edward.

– Oh, não, milorde, muito pelo contrário. – Sir Arthur tinha começado a transpirar intensamente, fosse do calor da lareira ou do nervosismo perante o comportamento de Edward. Talvez pensasse que um daqueles grandes punhos viesse na sua direção, a seguir. – Em qualquer dos casos –, disse rapidamente, com o seu grande rosto brilhante da transpiração: – Não, milorde, não é idiota. É liberal.

Se o solicitador corpulento tivesse cuspidido no chão, Edward não teria ficado mais espantado.

– É quê? – perguntou.

– É liberal.

Sir Arthur sorriu, grato a Evers, que se tinha aproximado para retirar o seu casaco e chapéu da pilha molhada onde o gestor da propriedade os tinha amontoado em cima da *chaise longue*.

– É bastante antimonárquica, milorde. Não quer ter nada a ver com a aristocracia detentora de títulos. Diz que são responsáveis pela falta de reforma que poderia ajudar o povo. Diz que são os Conservadores que estão a manter as massas em pobreza abjeta, para que um por cento da população possa ficar com noventa e nove por cento da riqueza. Diz que os proprietários como o senhor não são mais do que uns preguiçosos que só pensam em caçar e andar atrás das prostitutas... – Detendo-se, envergonhado, Sir Arthur olhou de relance para a viscondessa. – Peço desculpa, Lady Ashbury.

Arabella ergueu um único sobrolho e nada disse.

Edward escutou o solicitador, incrédulo. Aquilo não podia estar a acontecer. Simplesmente não podia estar a acontecer. O herdeiro do duque de Rawlings tinha sido encontrado, mas o rapaz não queria vir porque a lunática da tia era *liberal*? Como é que aquilo era possível?

– Não compreendo – disse Edward, esforçando-se por ficar calmo. Tinha receio de voltar a perder a cabeça. Não lhe restava mais nada

para derrubar, apenas o rosto gordo e sorridente de Sir Arthur e, uma vez que até gostava do velho fala-barato, Edward não quis magoá-lo muito. – Diz que esta mulher recusou um convite para viver numa das melhores casas de Inglaterra, por causa dos seus *sentimentos políticos*?

– É isso mesmo, é isso mesmo. – Sir Arthur deu uma risada. – E, é claro, o rapaz não quis vir sem ela.

– E essa... – Edward engoliu com dificuldade. – Essa mulher não tinha um marido que pudesse apelar à sua racionalidade?

– Oh, não, milorde. Miss MacDougal é solteira.

– Miss MacDougal?

– Sim, milorde. Pegen MacDougal. Tem estado a viver numa casa pequena junto da casa paroquial desde que o pai dela morreu... ela e o rapaz. Penso que se sustentam com uma pequena pensão que a mãe lhe deixou. Sabe Deus que o vigário não lhes deixou nada...

– Uma solteirona – sibilou Edward, entre dentes cerrados. – Prejudicados por uma tia solteirona com ensinamentos liberais. Raios partam, homem! – Edward estava prestes a arrancar o seu próprio cabelo mas, em vez disso, gritou com o seu administrador, alto o suficiente para sobressaltar até o tranquilo Evers. – Não conseguiu convencer uma tia solteirona que vive com uma ninharia de que a melhor coisa para o seu amado sobrinho era deixá-lo vir viver com esplendor numa casa senhorial em Yorkshire? – perguntou Edward incrédulo. – Você é burro, homem? O que é que poderia ter sido mais simples? Não percebe *nada* de mulheres? Não foi capaz de suborná-la? De encantá-la? De conquistá-la com elogios? Não haverá nada neste mundo que a mulher queira e que possamos dar-lhe em troca do rapaz?

Sir Arthur recostou-se o máximo que a *chaise longue* permitia mas, mesmo assim, não conseguiu escapar ao olhar ameaçador que o queimava ainda mais do que qualquer lareira. Colocando um dedo gordo por baixo do plastrão, puxou-o inutilmente, engolindo em seco.

– Mas, milorde, eu disse-lhe. Ela não quis ter nada a ver comigo! Expulsou-me da casa, veja bem. Até me atirou com um bule! – Sir

Arthur estava quase a choramingar. – E o rapaz, milorde! Não é nada um rapaz decente, é um diabrete. Enfiou uma doninha horrível no meu bolso e colocou um ouriço debaixo dos arreios de um dos cavalos da carruagem. Pensei que nunca ia regressar inteiro até junto de Lady Herbert!

Abruptamente, Edward afastou-se do solicitador, com os seus largos ombros em baixo. Bem, era bastante óbvio o que tinha de ser feito agora. O seu erro tinha sido enviar um representante para levar a cabo uma tarefa que teria sido melhor concluída por si. O seu pai não tinha dito sempre que era invariavelmente mais simples sermos nós próprios a fazer uma tarefa, a de termos de explicar a um empregado como ela devia ser feita corretamente? Este era um exemplo clássico. O que é que Sir Arthur percebia de mulheres, apesar de ter cinco filhas? Tinha cortejado e casado com a primeira mulher que o aceitara e apesar de Virginia Herbert ser uma excelente criatura, seguramente não tinha colocado nenhum desafio ao cavaleiro desajeitado.

Não, havia apenas uma coisa a fazer. Edward teria de ir, ele próprio, a Aberdeen e trazer o rapaz, bem como o raio da tia.

Uma liberal! Que Deus os livrasse de mulheres com excesso de estudos! O que é que aquele vigário estava a pensar, ao deixar que a filha lesse o jornal? Ela nem sequer deveria saber a diferença entre Liberais e Conservadores. Não admirava que a mulher fosse uma solteirona e estivesse condenada a permanecer nessa condição, se aquilo que tinha demonstrado a Herbert era exemplificativo da sua técnica de conversação.

Evers, junto à entrada, aclarou a voz.

– Desculpe, milorde, mas é tudo?

Edward, que tinha estado à frente da lareira, com as mãos presas atrás das costas, voltou-se de súbito.

– Não, Evers, não é tudo. Informe o meu criado de quarto de que iremos partir para a Escócia logo que possível. Irei precisar de camisas suficientes para uma estada nunca inferior a três dias. Peça a Roberts que traga a carruagem leve. Partirei logo que as malas estejam prontas.

Junto à secretária, Arabella pousou a caneta.

– Edward, está louco? Não pode estar a pensar em ir ter com aquela mulher horrível.

– É isso que tenciono fazer, com toda a certeza – declarou Edward. – Porquê? Pensa que não tenho os poderes de persuasão necessários? Que uma solteirona liberal escocesa está para além das minhas capacidades?

Lady Ashbury riu-se. O seu riso, Edward tinha reparado uma vez, era frio, tilintante, como uma sineta sem ressonância, e bastante exigente.

– Oh, não, milorde. Todos sabemos como consegue ser persuasivo, quanto está determinado. – O olhar dela percorreu-o e Edward não deixou de reparar como aqueles lindos olhos se abriram mais, com satisfação, ao pararem no subtil inchaço na frente dos seus corsários. – Mas deve estar desesperado, meu querido, para ir até à Escócia com este tempo. Para quê tanta pressa? Sabemos onde está o desagradável rapaz e é evidente que ele não vai a lado nenhum.

– Quero isto resolvido – disse Edward calmamente, voltando-se de novo para a lareira. – O meu pai já morreu há quase um ano e Rawlings tem vindo a definhar sem um duque este tempo todo. Já é demasiado, penso eu.

Arabella voltou a rir-se.

– Oh, desde quando é que se preocupa com Rawlings? A sério, Sir Arthur, o senhor exerce uma má influência sobre ele. Quando dermos por isso, ele vai querer ficar a conhecer os pastos das ovelhas!

Sir Arthur parecia perplexo com a viagem que Edward se propunha fazer à Escócia.

– Peço-lhe, milorde, deixe o assunto em paz! Deixe passar algum tempo. Dentro de um mês ou dois, quando já tiverem tido oportunidade de se habituarem à ideia, talvez eles mudem de opinião. Sabe, Miss MacDougal estava absolutamente convencida da total indiferença do seu pai em relação ao rapaz e ficou em choque ao saber que o duque não o tinha retirado do testamento...

– Não tenho paciência para esperar um mês, Sir Arthur – respondeu Edward. – Partirei hoje e aposto que irei acolher ambos, o rapaz e a tia solteirona, aqui, em segurança, dentro de duas semanas.

– Se está a pensar fazer qualquer tipo de aposta é melhor que vá acordar o seu velho colega de escola Mr. Cartwright – comentou Arabella num tom seco. – Está a dormir sobre o jogo de bilhar da noite passada, na biblioteca. Vai levá-lo consigo Edward? Sabe como ele iria gostar de se envolver em jogos espirituosos com uma solteirona escocesa.

Edward resmungou:

– Não irei precisar dos serviços dúbios de Alistair nesta viagem. Pode deixá-lo cá ficar, Arabella, para entretê-la enquanto estou fora. Certifique-se de ele não parte nada demasiado valioso e, se o fizer, que o substitua.

– Milorde, tenho de implorar-lhe que reconsidere. – Sir Arthur estava tão perturbado com os planos do seu patrão, que se levantou da *chaise longue* e ficou de pé junto de Edward. – Temo que não compreenda o quão volátil é o temperamento desta mulher. Ela despreza toda a aristocracia e recusa cabalmente...

Edward riu-se e colocou uma mão pesada no ombro.

– Herbert, meu velho, deixe-me que lhe diga algo acerca das mulheres. São todas iguais. – O olhar de relance que lançou sobre a viscondessa era trocista. – Todas querem alguma coisa. O que temos de fazer é descobrir o que é que Miss MacDougal quer e dar-lho em troca do sobrinho. É bastante simples, na verdade.

Sir Arthur não parecia satisfeito.

– O problema, milorde, é que penso que aquilo que Miss MacDougal quer é...

– Então, Herbert?

– A sua cabeça, Lorde Edward. Numa bandeja.

